

Prescrições para a economia nacional

Publicamos domingo último três entrevistas sobre a economia nacional e os meios a que se poderia recorrer para arrancá-la do atual atoleiro. Ouvimos três opiniões ligeiramente diferentes, emitidas por três economistas: o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que se coloca numa posição pessimista ou, mais propriamente, cética; o ex-ministro João Sayad, cujo otimismo é contrabalançado por certo senso de realidade; e o economista Walter Barelli, do Dieese, que tem uma visão por assim dizer romântica, fundada numa ideologia desenvolvimentista. Os três entrevistados sentem, porém, o perigo da inflação atual e consideram que qualquer faísca poderá provocar no País um incêndio incontrolável.

O sr. Mário Henrique Simonsen, com sua grande experiência, afirma que, com os atuais índices de inflação, não há possibilidade de progresso econômico; o sr. João Sayad nega que haja inflação, pois entende que a economia nacional já se acha totalmente indexada, cabendo apenas, ao governo, administrá-la; o sr. Walter Barelli situa-se numa posição bem próxima da do ex-ministro do Planejamento do governo Sarney, pois julga que o regime de indexação permite ao País "conviver" com a inflação embora entenda

que qualquer aumento da produção deveria concorrer para baixá-la, e que isto seria possível se os empresários deixassem de ser tão gananciosos.

Com seu vasto tirocínio adquirido no Ministério da Fazenda, o sr. Mário Henrique Simonsen sustenta que o atual governo deve combater a inflação, ou, por outra, reduzir o déficit público. Reconhece o esforço que fazem os ministros do Planejamento e da Fazenda, mas adverte o governo de que "a política econômica tem de ser obra de um time completo, e não, apenas, de dois bons zagueiros". Embora acredite que haverá cortes no orçamento, receia que não se consiga "conter a naturalidade de novas despesas". Daí seu pessimismo, que não exclui a possibilidade de sobrevir a hiperinflação. É esta também a nossa preocupação, pois estamos certos de que, mesmo com mandato de cinco anos, a campanha presidencial começará em breve.

O ex-ministro João Sayad, que muitas vezes preconizou a otentização da economia, ficou satisfeito com a instituição desta. A seu ver, o cruzado já se converteu numa moeda arqueológica, a que sucedeu uma moeda indexada, que se chama URP ou LBC. O que deveria inspi-

rar-nos preocupação não é a inflação em cruzados, mas a inflação da nova moeda. O perigo encontra-se no conflito distributivo entre salários e lucros e na falta de perspectiva de crescimento econômico. É necessário manter a indexação, controlar o déficit e impedir que se aprofunde a recessão. A questão é saber se já existe inflação otentizada, que o déficit público poderia incrementar. A nosso ver, uma inflação tão alta como a de hoje deixa sempre o País exposto ao risco de sofrer um choque externo. Na verdade, uma inflação desta ordem parece-nos incompatível com a recuperação econômica. Por isso, julgamos que não basta controlar o déficit e que é preciso reduzi-lo e reativar os investimentos por meio da poupança externa, conquanto isto pareça impossível à luz dos dispositivos aprovados pela Assembléia Nacional Constituinte.

O economista Walter Barelli não discrepa grandemente da opinião do ex-ministro João Sayad, pois considera também que se deve aceitar a indexação. Concebe o combate do déficit público de modo muito peculiar, argumentando que este pode ser reduzido por meio de uma reforma tributária que aumente as receitas. Por outro lado, parece

não aceitar a majoração das taxas de juros como meio de controlar a expansão monetária, expansão que, a nosso ver, seria o principal fator de um novo surto inflacionário. A solução, segundo o sr. Walter Barelli, é aumentar a produção e, deste modo, reduzir os custos unitários, uma vez que toda a indústria se encontra com capacidade ociosa. Não esclarece, porém, sobre o meio de fomentar a demanda e mostra-se muito esperançoso na capacidade ociosa, que, na verdade, não existe na maioria dos setores de bens intermediários, e não atenta para o fato de que, hoje, somente a redução das exportações permitiria aumentar a oferta. Importante assinalar que o economista do Dieese aprova a nova política industrial, que fomentará as exportações (mas reduzirá a oferta interna, se a demanda crescer) e as importações, reduzindo os preços. Quanto a este ponto, estamos de acordo com ele.

A nosso ver, a solução dos grandes problemas da economia nacional consiste no aumento dos investimentos, que exige incremento da poupança e, portanto, retração do consumo. Para isso, torna-se indispensável reduzir o déficit público e restringir a participação estatal na economia.